

A AUTORA

Maria Aparecida Baccega

Professora Livre-Docente no Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP. Coordenadora do curso de Pós-Graduação *lato sensu* Gestão de Processos Comunicacionais.

NARRATIVA FICCIONAL DE TELEVISÃO: ENCONTRO COM OS TEMAS SOCIAIS

Uma longa história, que começa nos idos dos anos 60 e, certamente, pela própria falta de uma história social da telenovela, percebe-se a permanência de um preconceito instalado na sociedade, como se ainda fizessemos novelas de Cinderela ou de Sheikes de Agadir¹. Glória Magadã passou, a temática brasileira (questões socioeconômico-culturais) penetrou a telenovela faz mais de 30 anos, autores de renome tanto do ponto de vista dramático quanto do ponto de vista do exercício da cidadania política (no sentido de sempre terem lutado por liberdades democráticas, tendo atuação destacada contra a ditadura) – como Dias Gomes, que construiu uma obra respeitável, e Lauro César Muniz, que continua sua luta –, e ainda se fala na telenovela apenas como alienação.

Sempre nos lembramos, nesse aspecto, da participação da dramaturga cubana Íris D'Ávila, colega de Félix Cagnet, autor de *O direito de nascer*, a novela de maior sucesso de todos os tempos na América Latina. Essa cubana, revolucionária de primeira e de todas as horas, no I Seminário Latino-Americano de Dramaturgia da Telenovela², não agüentando mais ouvir falar que “a telenovela aliena” (tônica dos participantes em geral), afirmou: “em Cuba, todo o povo chorava com as novelas de Félix Cagnet e ao mesmo tempo fazia a revolução!”

Enquanto continuamos a afirmar tão somente o aspecto de alienação, toda a população brasileira (já que esse produto é transclassista) está assistindo à telenovela: os que não tiveram o privilégio da escolaridade, que provavelmente lhes daria melhores condições de criticidade, assistem, comentam e tudo bem (muitas

1. FERNANDES, Ismael. *Memória da telenovela brasileira*. 4 ed. ampliada. São Paulo: Brasiliense, 1997.

2. I Seminário Latino-Americano de Dramaturgia da Telenovela. Renata Pallottini e Maria Aparecida Baccega (coords.) São Paulo: Memorial da América Latina, 1989.

vezes emitem críticas altamente pertinentes, mas que não transpõem o círculo das conversas informais). Os que tiveram condições de escolaridade e, portanto, têm obrigação de discutir a telenovela de um ponto de vista mais crítico, por terem que afirmar que não assistem à telenovela, para parecerem excelsos intelectuais, não podem se posicionar.

Na verdade, toda a sociedade, com maior, menor ou sem escolaridade, homens e mulheres, crianças, jovens e adultos, residentes nas mais diferentes regiões do país discutem a temática social pautada pela telenovela. Até porque os meios de comunicação em geral – jornal, rádio –, pautados também pela telenovela, abrem espaço para tal temática.

Basta lembrar o quanto aumentou o número de doadores de medula quando da novela *Laços de Família*. Ou o quanto a questão dos Sem Terra ganhou destaque durante todo o período em que a telenovela *Rei do Gado* foi exibida.

Ora, quem não ficou absolutamente indignado com a cena (até meio postiça do ponto de vista dramaturgico) de *Rei do Gado* em que Jacira, a mulher de Regino, arranca uma bandeira vermelha de um Sem-Terra e atira longe, dizendo que aquele não era o caminho da luta?

(É claro que o fato de as bandeiras dos Sem-Terra da novela serem brancas em nada significa alienação: o universo ficcional não é o universo real; agora, referir-se ao universo real de maneira tão explícita, para condená-lo, numa cena que não era pertinente à estrutura do universo ficcional, retira do gênero sua condição artística, para dar-lhe conotações de panfleto, o que é avesso à obra de arte.)

Mas será só por essa cena que deveremos avaliar a novela? Certamente, não. É isso o que diz o próprio João Pedro Stedile³, dirigente nacional do MST. Segundo ele, para o MST, “a novela foi muito importante” e “contribuiu para a reforma agrária de uma maneira positiva”. “Pela primeira vez, colocou a questão em horário nobre, para milhões de brasileiros; na sua maioria, a faixa da população mais alienada dos temas sociais, que vê novela como divertimento. Nem o MST nem a Igreja Católica chegariam a esta faixa com o tema da reforma agrária se não fosse por intermédio da novela”.

A telenovela e a ficção televisiva em geral (minissérie, seriado, caso especial, também chamado unitário) estão aí e, pelo próprio formato do gênero – figurativo por excelência –, conseguem, de maneira muito mais ágil, expor conceitos e caminhar com êxito no sentido da persuasão da população em geral. Quem, depois de *Rei do Gado*, não haverá de saber o que são terras devolutas, terras improdutivas etc.

Logo, quando afirmamos que os meios de comunicação educam, devemos destacar o papel da telenovela.

3. AZEVEDO, Ricardo, SOTILLI, Rogério. *Maledetto latifúndio*. *Teoria e Debate*, Ano 10, n. 34, mar./abr./maio de 1997. p.32-33.

Enquanto os “envergonhados”, que deveriam estar a postos para criticá-la não o fazem, os meios e, sobretudo, a telenovela, vão construindo a cidadania. A seu modo.

TELEVISÃO E NARRATIVA

A televisão (e não apenas a telenovela) caracteriza-se, sobretudo, pela linguagem narrativa. É esse seu jeito de “contar histórias” que faz com que ela atue como se fosse uma “pessoa” de nossas relações. Ela sempre narra “casos” que aconteceram aqui e acolá, construindo uma história sem fim (como as *Mil e Uma Noites?*), caracterizando “uma conversação em andamento dentro de uma comunidade local, nacional ou internacional onde as últimas notícias, dramas, esportes e modas são nada mais do que o último episódio de uma história cultural contínua. Estabelecendo permanentemente as relações com a cultura, essas narrativas da televisão nos enredam e nos fazem navegar ‘por mares’ não apenas ‘nunca dantes navegados’ mas também pelos ‘nunca navegáveis’, ou só navegáveis no virtual. E cada vez saímos dessa experiência de navegação de modo diferente daquele que começamos o percurso. Ajudando a compreender a escrita da ‘carta marítima’, ajuda-nos a chegar a terra com horizontes ampliados. E não reduzidos”⁴. E promovem a nossa inserção na dinâmica social.

Se hoje não sentamos mais ao pé da fogueira para ouvirmos as histórias de nosso povo e construirmos, junto com o narrador, os mitos de nossa identidade, se as feiras populares com seus poetas já não são mais o lugar privilegiado de constituição/reconstituição permanente da nacionalidade, se a literatura de cordel e o circo⁵ perderam força, temos um novo espaço: os meios de comunicação, em especial a televisão, que se constituem no “lugar” privilegiado das narrativas, cujas matrizes históricas se encontram naquelas manifestações culturais.

Como sabemos, a construção de mitos não é característica das culturas ditas “primitivas”. Barthes já o apontou com clareza, assim como Silverstone em sua obra. Todas as culturas têm as suas grandes histórias, suas epopéias, onde se conformam seus mitos. Não é uma epopéia a saga dos Sem-Terra nesse país? Haverá exemplo mais modular que o casamento e o enterro de Diana, “a princesa dos pobres”?

Para White⁶, “os humanos são inevitavelmente produtores de mito, porque não somos apenas parte mecânica da História, mas sim ‘construtores’ da História, em termos de nossos valores, intenções e aspirações. Toda cultura tem sua área de explicação prática, ‘científica’, do mundo como ele é, mas toda cultura também tem sua área de explicação de como a vida e a História *devem* se desdobrar e como nós queremos fazê-las se desenvolver. Mitos juntam pedaços da ciência atual, senso comum, pressuposições filosóficas, imaginação literária e tecem tudo isso em um ‘mapa’ organizado do

4. BACCEGA, Maria A. *Comunicação e tecnologia: educação e mercado de trabalho*. *Comunicação & Educação*. São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna, n. 2, jan./abr. de 1995. p. 7-13.

5. TUFTE, Thomas. *Como as telenovelas servem para articular culturas híbridas no Brasil contemporâneo?* INTERCOM. *Revista Brasileira de Comunicação*. São Paulo: Vol. XVIII, n. 2, jul./dez. de 1995. p.34-53.

6. WHITE, Robert (ed.). *Televisão como mito e ritual*. *Comunicação & Educação* (1):47-55, set/dez de 1994. São Paulo, CCA/ECA-USP; Moderna.

nosso futuro coletivo. Em nossos mitos encontramos o significado da vida e símbolos inspiradores para o desafio do dia-a-dia”.

E o que faz a televisão, a telenovela sobretudo? Atualiza os mitos a partir do cotidiano dos fatos que estão ocorrendo. E, para atualizar tais mitos, utiliza-se sempre da história de um (ou vários, dependendo do número de subtramas) amor impossível. Na história de amor da telenovela sempre há a disputa do “eu” amado (seja um homem disputado por duas mulheres, seja uma mulher disputada por dois homens; há sempre a trilogia, como lembra Renata Pallottini), caracterizando, invariavelmente, um amor impossível, onde obstáculos os mais diversos aparecerão (Romeu e Julieta). Como diz Doc Comparato: “idéia é um processo mental. Criatividade é a concatenação dessas idéias. Originalidade é o que faz um texto ser diferente de um outro; é a sua marca individual no texto. Seu estilo. Por esta razão, se fala do ‘universo’ de um poeta, da ‘cosmogonia’ de um artista. *Na verdade, os dramas e comédias contam basicamente a mesma velha estória do homem e seus conflitos. A diferença está em como determinado artista conta a mesma velha história*”⁷.

Ou seja: a ficção televisiva seriada estabelece os parâmetros da história de amor impossível, aliada à eterna luta entre o bem e o mal. Logo nos primeiros capítulos. Depois, ela se desenvolverá a partir do contexto social em que está inserida, respeitando-se tempo e espaço históricos da sociedade. É desse modo que os grandes temas do cotidiano permeiam toda a telenovela. Eles são alçados à condição de elementos do universo ficcional. Sem eles não haveria como manter-se no ar uma telenovela, por exemplo, por seis ou oito meses, como é o caso brasileiro.

A inclusão do cotidiano, seus temas políticos, econômicos, sociais, seus comportamentos mecânicos se dá numa lógica ficcional que tem por referência a lógica cultural daquela sociedade. Assim, as transformações que ocorrem no nível ficcional, a solução de tensões, o encaminhamento de soluções de problemas passam a sugerir soluções possíveis no nível do real, pois estão todos imersos na mesma história cultural: dramaturgos e espectadores.

Queremos apenas deixar registrado que a linguagem de televisão é a linguagem narrativa. Em narrativas, com heróis e bandidos, se transformam também as notícias. Costumamos afirmar que o telejornal muitas vezes tem mais ficção que a telenovela. E, por seu caráter de “verdade”, por seu gênero de noticiário, empulha muito mais o telespectador.

Como exemplo, por ser particularmente didático, temos a inesquecível fuga de e caçada a Paulo César Farias, hoje falecido. Na época, a transformação da pessoa em

7. COMPARATO, Doc. **Roteiro: arte e técnica de escrever para cinema e televisão**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1983. p.38.

personagem (o único homem público brasileiro que se tornou “bandido”, satisfazendo, assim, os desejos da população de punição de culpados, que, de tantos, se transformaram em apenas um) foi um processo a que todos acompanhamos. O desenrolar da história de sua fuga, aventuras sempre contadas “novelisticamente”, até o final, com sua prisão, substituiu toda a discussão que a sociedade deveria travar a partir do *impeachment* do presidente Collor. Tais discussões poderiam, quem sabe, tomar rumos indesejados pelas elites. Nada mais salutar que retomar o esquema do bem e do mal, perseguindo e punindo o “mal”, salvando-se, desse modo, o Estado brasileiro e sua estrutura, na preservação do *status quo*. Estamos relembando o fato apenas para apontar que existem relações entre mito e ideologia, as quais não se constituem aqui nosso objetivo. Como lembra Barthes, “o mito é uma fala despolitizada (...) assim, a cada instante e seja onde for, o homem é bloqueado pelos mitos, estes reenviam-no ao protótipo imóvel que vive por ele, no seu lugar, que o sufoca (...) Os mitos não são nada mais do que essa solicitação incessante, infatigável, essa exigência insidiosa e inflexível que obriga os homens a se reconhecerem nessa imagem de si próprios, eterna e no entanto datada, que um dia se constrói como se fora para todo o sempre. Pois a natureza, na qual foram enclausurados sob o pretexto de uma eternização, não é mais do que um Uso. E esse Uso, por maior que seja, é preciso dominá-lo e transformá-lo”⁸.

TELENOVELA E MERCADO

A produção televisiva ficcional vem se constituindo num importante produto de exportação da América Latina (México, Venezuela, Colômbia) e, sobretudo, do Brasil. Nossa telenovela é exportada, hoje, para mais de 100 países, de EUA à Rússia, China e países da Europa. Vale aqui o seguinte registro: se a exportação pode ser considerada importante pela entrada de dólares etc., queremos sobrelevar outros dois aspectos: a) o aumento da produção de telenovela acaba resultando em maior qualidade e amplia o mercado de trabalho de uma gama muito grande de profissionais, que vão de dramaturgos a atores e atrizes, iluminadores, sonoplastas etc. Sem falar nos produtos que a telenovela faz deslanchar: todos sabemos que os compositores de música popular brasileira (ou qualquer outra música) adoram ter uma de suas obras como tema de telenovela. Isso vai projetá-los, os discos vão vender mais. A indústria do vestuário, dos acessórios, além de muitas outras são também beneficiárias dessas produções televisivas. Com isso, amplia-se o mercado de trabalho de muitos segmentos da população e não apenas do diretamente ligado à telenovela. Esse incremento de produção se deve ao papel de influenciadora da moda, de jeito de falar, da música preferida etc. que, transitoriamente, a telenovela exerce. O que temos observado em nossas palestras junto a diferentes públicos é que há uma certa confusão entre essa apropriação, que podemos verificar sem grande esforço, e o que chamamos de incorporação, que seria a efetiva

8. BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972. p. 175.

mudança de valores e comportamentos que a telenovela promoveria. A telenovela pauta a discussão dos temas, mas as mudanças ocorrem quando e como a sociedade organizada assim o desejar. Caso contrário, o Brasil não teria mais preconceito contra os homossexuais, contra os negros, como muitas telenovelas já colocaram e como a própria sociedade, quase co-autora da telenovela através das pesquisas, decidiu. Mas apenas no âmbito da ficção. Estamos nos referindo, por exemplo, ao casal de homossexuais, jovens, um negro e um branco, da novela *A próxima vítima*, de Sílvio de Abreu, que, ao final, permanecem juntos, com a aprovação dos telespectadores.

**Outro aspecto fundamental: enquanto se veiculam
as nossas produções, não estamos assistindo aos
horrendos e violentos filmes norte-americanos, chamados
classe b, que nos impingem nos pacotes.**

Ou, como diz Renata Pallottini, “É indiscutível que a telenovela brasileira atingiu, nos dias que correm, um ótimo grau de qualidade em realização; ela é, em geral, bem escrita – observando-se as convenções do gênero – bem interpretada, bem iluminada; tem bons cenários e figurinos, boa maquiagem e locação. A telenovela atingiu, enfim, a idade adulta. É um produto que se pode, tranqüilamente, vender, e vender bem. Que uma nação não é só aquilo que se vende? De acordo, mas é melhor, e seria infinitamente melhor, se pudéssemos, cada vez mais, exportar a produção de nossas emissoras televisivas, do nosso cinema, do nosso teatro, dos nossos compositores, e importar cada vez menos, quem sabe até o grau zero, o sangue e a porrada enlatados”⁹.

Por essas razões, não seria mais conveniente assumirmos a telenovela e passarmos a discuti-la “sem-vergonha” a fim de que tentássemos, pelo menos, fazer ouvir a nossa voz sobre qual a identidade que queremos ver construída e em construção na telenovela e nos meios de comunicação em geral? Afinal, não podemos nos esquecer da importância que o cinema americano teve na formação da identidade daquele povo e na divulgação dessa identidade construída em todo o mundo.

Este número da revista *Comunicação & Educação* traz duas contribuições sobre a telenovela (uma em Artigos Nacionais e outra em Crítica), tema sempre presente em nosso dia-a-dia e nesta revista, desde o primeiro número, através da Bibliografia sobre telenovela.

ARTIGOS NACIONAIS

Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação é o artigo de Maria Immacolata Vassallo de Lopes que abre esta edição. Ela lembra o processo de reconhecimento da

9. PALLOTTINI, Renata. *Dramaturgia da televisão*. São Paulo: Moderna, 1998. p. 20.

telenovela enquanto objeto de estudo da cultura e da sociedade contemporâneas e apresenta a telenovela no cenário televisivo brasileiro. Passa pelo histórico da indústria televisiva até chegar à estrutura de produção da telenovela, lembrando várias telenovelas e seu papel social. Segundo a autora, “a fusão dos domínios do público e do privado realizada pelas novelas lhes permite sintetizar problemáticas amplas em figuras e tramas pontuais e, ao mesmo tempo, sugerir que dramas pessoais e pontuais podem vir a ter significado amplo”. No âmbito da recepção, a autora lembra que “tão importante quanto o ritual de assistir aos capítulos das novelas cotidianamente são a informação e os comentários que atingem a todos, mesmo àqueles que só de vez em quando ou raramente vêem a novela. As pessoas, independentemente de classe, sexo, idade ou região acabam participando do território de circulação dos sentidos das novelas, formado por inúmeros circuitos nos quais são reelaborados e ressemantizados”.

A tecnologia digital trouxe mudanças. Isso é constatável. Mas, e no campo do currículo e da educação? Como atuam essas tecnologias? É o que discute Edméa Oliveira dos Santos, em seu artigo *Novas práticas curriculares na educação a distância*, mostrando que “o computador não é apenas uma ferramenta”, mas “um sistema simbólico, uma máquina que lida com representações e sinais e não com a causa-e-efeito mecânica do descaroador de algodão ou do automóvel”, no dizer de Steven Johnson, citado pela autora. O estudante, nessa nova realidade, não pode estar mais “reduzido à passividade de um receptor que olha, copia, repete”. Ele passa a ser o verdadeiro sujeito na produção de sentidos, num processo em que pode “tomar a cena criando e co-criando situações de aprendizagem, e onde os conteúdos disponibilizados e interfaces (ferramentas) tomam destaque no processo”.

ARTIGO INTERNACIONAL

Essa é a temática que vem tratada também em *Tecnologia digital: perspectivas mundiais*, de Lorenz Vilches. Trata-se da chamada Sociedade da Informação que, segundo o autor, comporta muitas faces, entre as quais a percepção de como se dá esse processo em regiões do primeiro mundo e fora dele: “à euforia com que são recebidas, no *primeiro mundo*, as novas oportunidades do conhecimento e do bem estar, se opõe o pessimismo daqueles que suspeitam do perigo de formação de novas zonas *infopárias*”. Entre as reflexões sobre o tema, o autor destaca a questão das pesquisas, da necessidade da formação de novos profissionais: “a integração dos meios significa também a incorporação de novas lógicas do saber fazer dos profissionais, das estratégias comerciais e dos conteúdos”, bem como “o recuperado prestígio do texto lingüístico, que tinha perdido importância a favor da grande poluição de imagens. (...) O certo é que hoje escrevemos mais que antes, graças ao computador”. Para o autor, “as tecnologias digitais nos estão desvelando progressivamente as articulações e as dinâmicas possíveis para serem desenvolvidas como forma de solidariedade, a partir da exploração das redes e das comunidades ou sociedades baseadas na interatividade”.

ENTREVISTA

Heloísa Dupas Penteadó é a entrevistada deste número. Professora, pesquisadora, educadora, enfim. Suas lições para nós todos estão em *De cabeça aberta para a educação*, entrevista realizada por Roseli Fígaro. Diz ela: “Penso também no conhecimento que o aluno traz para a escola”, o qual leva “o professor a reelaborar a sua relação com o conhecimento científico”. A escola é vista por Heloísa como “cadinho de conhecimentos” ao mesmo tempo que “centro irradiador desse conhecimento que ela elabora” e que se presta a “ressignificar visões e compreensões”. Questões como educação para o trabalho, uso da tecnologia, papel da televisão, entre outras, estão presentes nesse diálogo.

CRÍTICA

O que a ficção pode fazer pela realidade? é a crítica escrita por Maria Lourdes Motter que, tomando a telenovela *O clone* como exemplo, apresenta características da telenovela que a tornam esse produto cultural que conhecemos: pautando temas, discutindo situações do dia-a-dia, comprometendo-se socialmente. Motivos de sobra para que sua discussão esteja presente em sala de aula.

Já Marília Franco nos brinda com a crítica *Cidade de Deus – o filme*, na qual, inserindo o filme na nova safra do cinema brasileiro, mostra suas características tanto em nível de história contada quanto em nível de construção propriamente cinematográfica.

Em 2002, comemoraram-se os 100 anos de *Os sertões*, obra prima de Euclides da Cunha que Adílson Citelli comenta em *Os Sertões: uma epopéia educadora de 100 anos*. A feliz paráfrase que Citelli constrói da fala de Euclides é aquela que lembra que: “certamente haveria que superar o atraso e a miséria não por força dos canhões e da violência do Estado contra a sociedade, mas, entre outras medidas, pela ação dos professores, da escola e da educação”.

DEPOIMENTO

Pedro Serico Vaz Filho, ou apenas Pedro Vaz, como é conhecido, vem nos falar sobre o lado de lá do rádio, esse meio de comunicação que, pelas suas características, ocupa o lugar do mais difundido. Ele fala das situações que caracterizam a produção radiofônica e que, pela própria natureza, têm que ser ágeis, dinâmicas. Fala também do ensino de rádio.

EXPERIÊNCIA

Cleoni Fanelli Inácio, professora da Escola Estadual de Ensino Fundamental Lizete Paulino Teixeira, de Franca (SP), em *Na escola com as histórias em quadrinhos*, nos mostra como, tendo as histórias em quadrinhos como eixo, pode-se levar os alunos a posturas multi e transdisciplinares, com produção que envolve, inclusive, escrita de texto para o jornal.

O erro no processo de ensino-aprendizagem é a contribuição que nos traz a professora Adriana Ignácio de Campos Meroni, da quarta série da Escola Municipal de Ensino Fundamental Oadil Pietrobon, de Paulínia (SP). O objetivo desta atividade foi a valorização da produção dos alunos em nível de idéias, de linguagens e de marcas de diferença entre os participantes.

POESIA

A mão suja, poesia de Carlos Drummond de Andrade, comemora os cem anos de nascimento do poeta maior. Nascido a 31 de outubro de 1902, Drummond cantou o seu tempo, o Brasil, sua cultura e seu povo, seus amores e dissabores, o futebol e a alma mineira, a política e a arte com a mão firme e a delicadeza de poucos, dos sábios amantes da vida e da ternura.

SERVIÇOS

O Núcleo de Comunicação e Educação da ECA-USP desenvolveu, com apoio da Secretaria Estadual de Ensino do Estado de São Paulo, sob a supervisão geral de Ismar de Oliveira Soares, o curso *Linguagem audiovisual na escola* – uma ação educacional, ou simplesmente *Educom.TV*. Em *Educom.TV: curso on line para a rede pública*, Ismar mostra os benefícios que o curso trouxe aos professores da rede de ensino estadual e os resultados positivos da experiência com o formato de ensino a distância com suporte individualizado de monitores, combinado com parte presencial.

VIDEOGRAFIA

Maria Ignês Carlos Magno, partindo do fato de que os professores fomos formados num modelo de ensino baseado na transmissão oral de conhecimentos e que, agora, somos obrigados a trabalhar com as linguagens variadas que compõem o universo das novas gerações e caracterizam a contemporaneidade, apresenta cinco filmes sobre o processo ensino-aprendizagem que muito têm a colaborar com nossas reflexões. São eles: *Hiroshima meu amor*, *O muro*, *Sociedade dos poetas mortos*, *Escola da desordem* e *Amistad*.

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO

Bibliografia sobre telenovela brasileira, Bibliografia sobre Comunicação e Educação e Endereços úteis na Internet compõem a seção Boletim Bibliográfico e trazem indicações para pesquisas e leituras que contribuirão com trabalhos e projetos de diferentes áreas do conhecimento.

ATIVIDADES EM SALA DE AULA

A professora Ruth Ribas Itacarambi dá suas sugestões de *Atividades em sala de aula com Comunicação & Educação n. 26*. Ela apresenta um projeto para ser desenvolvido em sala de aula com os artigos deste número da revista e mostra como é possível o professor trabalhar os temas transversais de modo criativo e produtivo.

Resumo: O artigo discute o potencial narrativo da telenovela e de outros produtos da ficção televisiva, como um gênero que há muito, no Brasil, vem contaminado pelo cotidiano, compondo os temas da nossa sociedade. A linguagem televisiva também é tomada como educativa, em termos amplos, estando, muitas vezes, mais sintonizada com a realidade do que o próprio discurso jornalístico. A narrativa ficcional televisiva, segundo a autora, recupera os mitos, presentes nas histórias contadas nas praças, nas feiras, nos livros, e que fazem parte das diferentes culturas.

Palavras-chave: televisão, telenovela, ficção televisiva, narrativa televisual, mito

(Fictional narrative in television: dealing with social themes)

Abstract: The article discusses the narrative potential telenovela and other television fiction products have, such as a genre that for a long time, in Brazil, has been contaminated by daily life, by themes that compose our society's main storylines. The television language is also considered educational, in broad terms, being, many times, more in tune with reality than the journalistic discourse itself. The television fictional narrative, according to the author, recovers the myths present in the stories told in the city squares, street markets, in books, and which are part of the different cultures.

Key words: television, telenovela, television fiction, tele-visual narrative, myth